

A América poderia enfrentar outra Crise de Mísseis de Cuba em um futuro próximo?

CORONEL MARIO BRASIL DO NASCIMENTO
EXÉRCITO BRASILEIRO (VETERANO)

Em 1962, o mundo viveu em um evento internacional traumático que ficou conhecido como a Crise de Mísseis de Cuba. Esta crise foi precipitada quando a então União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) transportou mísseis nucleares de forma secreta e os instalou na ilha de Cuba como uma ameaça direta aos EUA, o que criou um enorme medo mundial de que isso desencadeasse uma guerra nuclear. A crise internacional durou treze dias e foi o momento mais tenso da Guerra Fria. Estrategicamente, a ação da URSS teve dois objetivos: 1) manter Cuba sob a influência soviética e 2) pressionar os EUA a retirar os mísseis nucleares que havia instalado recentemente na Turquia.¹

A guerra atual entre a Federação Russa (formada após a ruptura da URSS em 1991 e doravante referida como Rússia) e a Ucrânia, e o conflito de longo prazo entre a Rússia e a Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN), têm várias semelhanças com a Crise dos Mísseis de Cuba há sessenta anos e corre o risco de resultar em outra crise semelhante. Este artigo analisa a possibilidade de a Rússia estabelecer uma instalação militar com capacidade nuclear em um país da América Latina estrategicamente próximo dos EUA, o que pode iniciar uma nova crise nuclear entre os dois países.

Este artigo analisará: 1) eventos históricos relacionados ao conflito entre a Rússia e a OTAN; 2) relações internacionais entre os Estados potenciais que poderiam estar envolvidos em uma nova crise; 3) Teoria de Crise aplicada a esta crise potencial hipotética; e 4) a interação estratégica entre a Rússia e os EUA em um cenário de crise hipotética.

Análise histórica

Raízes do Conflito entre a Rússia e os EUA/OTAN

No final da Segunda Guerra Mundial, a URSS e os EUA começaram uma longa relação de conflito, comumente conhecida como Guerra Fria, que destacou uma discordância de nível profundo entre os dois regimes. A divisão da Alemanha em metades distintas em 1945, seguida pelo bloqueio soviético de Berlim e pela

ponte aérea americana, britânica e francesa de Berlim em 1948-1949, sublinhou ainda mais a relação entre ambos. O estabelecimento da OTAN em 1949, sob a forte influência dos EUA, serviu para fornecer evidências conclusivas da disputa pós-Segunda Guerra Mundial entre os dois regimes. Em resposta à OTAN, a URSS estabeleceu o Pacto de Varsóvia em 1955.

Alguns anos depois, em 1961, os EUA instalaram 30 mísseis nucleares Júpiter na Turquia. Isso representava uma ameaça significativa à URSS, que respondeu instalando mísseis nucleares em Cuba, resultando assim na Crise dos Mísseis de Cuba em 1962.

Esses conflitos, entre muitos outros que seguiram ao longo da duração de 40 anos da Guerra Fria, continuaram até a queda do Muro de Berlim em 1989, o ato final da URSS como império, o que precipitou sua eventual ruptura em 1991. Esta relação de conflito estabeleceu a base para o ressentimento profundo e a disputa que existe atualmente entre a Rússia, que assumiu o papel de herdeiro principal da URSS pós sua ruptura, e os EUA.

Conflito prolongado contínuo após o desmembramento da URSS

Após a desintegração da URSS em dezembro de 1991, a Rússia, a Bielorrússia e a Ucrânia estabeleceram a Comunidade de Estados Independentes (Commonwealth of Independent States, CIS). Outros membros da agora extinta URSS, Armênia, Azerbaijão, Cazaquistão, Moldávia, Quirguistão, Tadjiquistão, Uzbequistão e Turquemenistão também se juntaram à CIS. No entanto, a Lituânia, a Letônia e a Estônia decidiram não participar.

Enquanto isso, a OTAN aproveitou a fragmentação da URSS expandindo-se progressivamente para o Oriente, adicionando os Estados anteriormente pertencentes à URSS como novos membros. Por exemplo, a República Tcheca, a Hungria e a Polônia juntaram-se à OTAN em 1999; e a Bulgária, a Estônia, a Letônia, a Lituânia, a Romênia, a Eslováquia e a Eslovênia seguiram o mesmo caminho em 2004. Isso fez o presidente russo, Vladimir Putin, na Conferência de Segurança de Munique em 2007, declarar que a expansão da OTAN reduziu o nível de confiança mútua entre a Rússia e a OTAN.² No entanto, a OTAN continuou sua expansão, com a Albânia e a Croácia juntando-se em 2009, seguido por Montenegro em 2017 e a Macedônia do Norte em 2020. Em meio a tudo isso, em 2014, a Rússia invadiu a Criméia (parte da Ucrânia), o que trouxe uma forte condenação da OTAN e dos EUA, embora sem ações de retaliação concretas, uma vez que a Ucrânia não era membro da OTAN.

Embora a disputa Rússia-EUA/OTAN durante este período tenha sido relegada principalmente à Europa, ela também se estendeu para outras regiões, como a América Latina. Por exemplo, ao longo dos anos, Cuba, Nicarágua e Venezuela

mantiveram relações próximas com a Rússia em muitas áreas de interesse, o que tem sido uma fonte tremenda de preocupação e desconforto para os EUA.

Embora Cuba tenha servido aos melhores interesses da URSS durante a Guerra Fria, inclusive durante os momentos mais intensos da Crise dos Mísseis de Cuba, os investimentos militares russos na ilha diminuíram desde então. No entanto, em 2022, o vice-ministro das Relações Exteriores da Rússia, Sergei Ryabkov, anunciou que o presidente Putin havia concordado em fortalecer seus laços estratégicos com Cuba e não confirmaria nem negaria o futuro desenvolvimento potencial da infraestrutura militar russa na ilha.³

Enquanto isso, praticamente todo o inventário militar da Nicarágua, inclusive seus tanques T-72B, T-72B1 e T-55, seus helicópteros Mi-17 e seus howitzers/lançadores de foguetes BM-21P, D-20 e D-30, vieram da antiga URSS ou da Rússia.⁴

Na Venezuela, o ex-presidente Hugo Chávez fortaleceu seus laços com a Rússia comprando cerca de 100.000 rifles de AK-47, além de helicópteros e caças.⁵ A Venezuela também tomou outras ações para criar laços mais estreitos com a Rússia, como a realização de um exercício naval bilateral em 2008, durante o qual a Rússia enviou seu cruzador nuclear, Pedro o Grande, e seu navio de guerra anti-submarino, o Almirante Chebanenko, juntamente com seus navios de escolta⁶; e permitindo o estabelecimento de bases militares russas em Valencia e Manzanares.⁷

Na época, os EUA criticaram severamente essas ações como tentativas da Rússia de desestabilizar a América Latina⁸ e reativaram sua Quarta Frota em 2008, como resultado disso.⁹ Adicionalmente, em 2015, os EUA declararam a Venezuela como uma ameaça à segurança nacional dos EUA.¹⁰

Esses eventos caracterizam os conflitos prolongados continuados entre a Rússia, como herdeira indiscutível da URSS e os EUA. Mais importante, esses conflitos também representam uma preocupação crescente continuada para os EUA, à medida que eles continuam sua aproximação gradual ao território dos EUA.

Ambiente atual

Em 2019, os meios de comunicação russos relataram que a Rússia pretendia estabelecer uma base naval na ilha venezuelana de La Orchila, aproximadamente 1.500 milhas da Flórida, um esforço estratégico que começou quando Chávez inicialmente fez a oferta ao Kremlin em 2009. Na época, a Rússia não aceitou a oferta, mas manteve um interesse ativo na oportunidade.¹¹ No entanto, depois que os EUA se retiraram do Tratado de Forças Nucleares de Alcance Intermediário (Intermediate-Range Nuclear Forces, INF) em 2019, a ameaça de estabelecer uma nova base naval russa na Venezuela serviria como uma medida de clara retaliação¹²

Recentemente, a invasão da Ucrânia da Rússia em 2022 provocou uma reação estratégica forte da OTAN, que afirmou que “A Federação Russa é a ameaça mais significativa e direta à segurança dos Aliados e à paz e estabilidade na área do Euro-Atlântico.”¹³ Para pontuar ainda mais este conflito prolongado, a Finlândia foi aceita como membro da OTAN em 2023, e a Suécia está aguardando atualmente a aprovação. A adição de ambos países à OTAN aumentaria tremendamente o número de forças da OTAN que rodeiam as fronteiras da Rússia.¹⁴

Neste contexto, a Rússia agora aumentou ainda mais este conflito prolongado ameaçando enviar tropas para Cuba e Venezuela.¹⁵

Análise do Ambiente Internacional Atual

Em 1999, Samuel Huntington argumentou que como os EUA eram um Estado com uma dominação global única nos domínios econômico, militar, diplomático, ideológico, tecnológico e cultural, o sistema internacional tornou-se unipolar, com os EUA como o único ator mais poderoso em todo o mundo, com outros poderes regionais principais como Rússia e China desempenhando um papel multipolar.¹⁶

No entanto, as lutas pelo poder entre os EUA e outros Estados individuais/aliados aumentaram o risco de desestabilizar o sistema internacional. Por exemplo, a ascensão da China na economia global criou desafios para os EUA nas arenas econômicas e tecnológicas.¹⁷ Portanto, em vez de uni-multipolar, Michael Brecher e Jonathan Wilkenfeld afirmam que o sistema internacional atual pode ser classificado como policêntrico,¹⁸ sem nenhum Estado exercendo um poder hegemônico único em todos os domínios, especificamente em termos de questões de segurança. Este ambiente policêntrico muitas vezes levou a várias crises internacionais, devido à ausência de uma autoridade internacional abrangente para evitar atritos entre os Estados.

Os EUA ainda mantêm a hegemonia sobre o sistema Continente Americano. No entanto, China e Rússia aumentaram suas influências sobre determinados Estados na região por meio de laços econômicos, militares, tecnológicos e culturais. Além disso, muitos países da América Latina têm atualmente experimentado um ressurgimento em seu apoio a partidos políticos de esquerda,¹⁹ o que aumenta ainda mais o risco de seu alinhamento com a China/Rússia.

Potenciais Estados de Interesse em um Conflito com os EUA

Atualmente, embora os EUA sejam considerados como a segunda potência nuclear após a Rússia, é classificado como tendo o exército mais poderoso em

geral. De acordo com o Global Power Fire, os EUA são classificados como 1° entre 142 países com uma pontuação de índice de poder (PwrIndx) de 0,0453 (quanto mais perto de zero, mais poderoso),²⁰ enquanto a Rússia é a segunda com PwrIndx = 0,0501 e a China como terceira com PwrIndx = 0,0511.²¹

Embora os EUA também tenham instrumentos econômicos, tecnológicos, informativos e culturais formidáveis, a China é considerada um concorrente estratégico e, juntamente com a Rússia, o Irã, a Coreia do Norte e organizações extremistas violentas, eles representam uma ameaça significativa à hegemonia dos EUA.²² Além disso, no Continente Americano, os EUA perderam um pouco de sua influência sobre alguns países da América Latina que se moveram para uma ideologia de esquerda, como a Venezuela e a Argentina.

Enquanto isso, além de ser a maior potência nuclear do mundo,²³ a Rússia também é uma superpotência militar global formidável,²⁴ e uma das 20 maiores potências econômicas do mundo. A posse de petróleo e gás natural também traz uma forte vantagem estratégica às relações externas da Rússia com os Estados europeus, que até agora dependem fortemente da Rússia para seu abastecimento de combustível. Além disso, a Rússia também é um produtor de alimentos importante, essencial para a segurança alimentar em todo o mundo.

Assim, não é nenhuma surpresa que a Rússia tenha se aproximado estrategicamente de países da América Latina, como Cuba, Nicarágua e Venezuela, causando perturbações à hegemonia dos EUA na região. Além disso, devido à pressão dos EUA/OTAN sobre a Rússia por sua invasão à Ucrânia, é possível que a Rússia tente aumentar sua presença militar na região como retaliação.

Venezuela

Desde a eleição de Hugo Chávez como presidente da Venezuela em 1998, a Venezuela adotou uma ideologia de esquerda e buscou laços mais próximos com a Rússia, principalmente para obter armas e obter apoio diplomático e político no sistema internacional. Conseqüentemente, sua relação com os EUA deteriorou-se, até o ponto de o governo dos EUA declarar o governo venezuelano uma ameaça de segurança nacional em 2015²⁵ e reafirmar isso em 2022.²⁶ Embora a Venezuela tenha as maiores reservas de petróleo do mundo, atualmente é considerada um Estado frágil.²⁷ Isso abriu uma oportunidade no início da guerra Rússia-Ucrânia para os EUA tentarem chegar a um acordo sobre a aquisição de petróleo e a liberação de americanos detidos no país, para reduzir a dependência do Ocidente do petróleo russo.²⁸

Cuba

O envolvimento histórico de Cuba na Crise de Mísseis de 1962 a manteve sob observação próxima dos EUA e rigorosas sanções econômicas, mesmo após o final da Guerra Fria. Consequentemente, Cuba continuou a fomentar laços estreitos com a Rússia ao longo dos anos, agravando ainda mais a preocupação dos EUA.

Nicarágua

A Nicarágua mantém uma boa relação com a Rússia (antiga URSS) desde 1979. A relação ficou ainda mais próxima depois que os EUA e a Europa retiraram seu apoio em 2008 devido a preocupações sobre a fraude eleitoral e manipulação dos direitos humanos e da democracia. Além disso, a Nicarágua apoiou a Rússia pouco depois da anexação da Crimeia em 2014, assim como na invasão da Ucrânia.²⁹

Eventos Principais que podem Precipitar uma Crise Eventual

Existem vários eventos em andamento que são considerados como risco para precipitar uma eventual crise no Continente Americano: 1) a guerra Rússia-Ucrânia; 2) a pressão contínua da OTAN sobre a Rússia; 3) A crise energética da Europa; 4) a crise financeira em andamento em todo o mundo; e 5) as mudanças políticas em vários Estados da América Latina.

A guerra Rússia-Ucrânia em andamento amplificou ainda mais o conflito subjacente entre a Rússia e a OTAN. O sucesso da liderança dos EUA em reunir o apoio mundial na aplicação de sanções econômicas contra a Rússia³⁰ e o apoio militar à Ucrânia³¹ aumentou a tensão entre esses países.³² Além disso, os esforços contínuos da OTAN para adicionar a Suécia e a Finlândia, à medida que os membros aumentaram a percepção da Rússia de estar sob uma ameaça de cerco também. O governo russo respondeu firmemente, incluindo a ameaça de usar armas nucleares.³³ Recentemente, alguns políticos russos até começaram a clamar pelo retorno do Alasca como retaliação para as sanções econômicas dos EUA.³⁴ Um aumento da pressão dos EUA/OTAN sobre a Rússia pode fazer com que o “urso” se sinta encurralado até o ponto de não ter outra opção a não ser reagir vigorosamente por sua sobrevivência.³⁵

Além disso, a crise energética contínua da Europa, um efeito secundário da guerra Rússia-Ucrânia, também pode precipitar uma eventual crise. Por um lado, muitos Estados europeus estão integrados à OTAN, mas por outro, eles também dependem do gás e do petróleo russo, o que pode eventualmente causar uma redução em seu apoio à Ucrânia. Como esta situação representa um risco significativo para o equilíbrio de poder entre os EUA/OTAN e a Rússia, os EUA já

responderam fornecendo 15 bilhões de metros cúbicos de gás à Europa em 2022,³⁶ assim como vem tentando obter gás da Venezuela para esse objetivo também.³⁷

Para complicar ainda mais as coisas, além do impacto econômico da guerra Rússia-Ucrânia, a pandemia de COVID-19 agravou ainda mais a situação econômica do mundo. Isso não só aumentou o risco de inflação e recessão em todo o mundo, mas também afetou a capacidade dos EUA/OTAN de investir em esforços de defesa e logística para apoiar a Ucrânia.

Finalmente, conforme mencionado anteriormente, houve um ressurgimento contínuo à esquerda na política latino-americana. Essa mudança pode representar um eventual distanciamento entre os Estados da América Latina e os EUA, e o desenvolvimento de laços mais estreitos entre esses países e a Rússia.³⁸

Fronteiras

Cuba, Nicarágua e Venezuela não têm uma fronteira física com os EUA. No entanto, eles estão suficientemente próximos para representar uma ameaça viável não só aos EUA, mas também os territórios da OTAN, uma vez que essas distâncias próximas podem ser rapidamente percorridas por um míssil com capacidade nuclear. A Ilha de La Orchila da Venezuela, por exemplo, está somente a cerca de 1.500 milhas da Flórida e ainda mais próxima de outras ilhas membros dos EUA e da OTAN no Caribe, como Porto Rico, as Ilhas Virgens Americanas, Guadalupe, Martinica, Curaçao, Aruba e Bonaire, entre outras.³⁹

Restrições para uma crise entre a Rússia e os EUA

Há restrições que podem inibir uma crise de desenvolvimento entre dois atores internacionais, como a opinião pública internacional, a opinião pública interna ou até mesmo outros atores internacionais. No entanto, as restrições por si só não evitarão necessariamente uma crise, pois qualquer ator internacional, dependendo de seu poder e liberdade de ação, pode superá-los. Entre uma crise hipotética no continente americano entre os EUA/OTAN e a Rússia, o seguinte pode servir como restrições: 1) A capacidade militar dos EUA/OTAN versus a Rússia; 2) o Tratado Interamericano de Assistência Recíproca (Inter-American Treaty of Reciprocal Assistance, ITRA) de 1947, que considera que um ataque contra um membro é um ataque contra todos os membros do Tratado; 3) o Tratado de Tlatelolco de 1947, que proíbe armas nucleares na América Latina e no Caribe; e 4) a Zona de Paz e Cooperação do Atlântico Sul de 1986, que visa evitar a proliferação de armas nucleares e uma eventual presença militar de outros Estados na zona.

Teoria de crises como aplicada a uma crise hipotética no continente americano

De acordo com Brecher e Wilkenfeld, uma crise internacional é uma interação entre dois ou mais Estados que enfrentam uma mudança ou desestabilização em seu relacionamento, com um aumento na intensidade de ações disruptivas, uma probabilidade aumentada de hostilidades militares e desafios à estrutura do sistema/subsistema internacional. Três aspectos fundamentais caracterizam uma crise internacional: 1) uma ameaça a um ou mais valores fundamentais do Estado; 2) um tempo limitado para responder à ameaça; e 3) uma probabilidade aumentada de conflito militar entre os Estados.⁴⁰

Julien Freund definiu o conflito como “um confronto intencional entre dois indivíduos ou grupos da mesma espécie que demonstram a intenção hostil uns aos outros, geralmente sobre um direito, e que, para manter, afirmar ou restabelecer esse direito, se esforça por eventualmente quebrar a resistência dos outros por meio de violência, o que poderia levar à aniquilação física do outro”.⁴¹ Uma crise começa dentro de um conflito existente por meio de um gatilho;⁴² e até mesmo conflitos moderados podem evoluir para crises.

As principais tensões existentes que podem desencadear uma crise no continente americano são as seguintes: 1) o conflito de longa duração entre os EUA e a Rússia, com raízes na era pós-Segunda Guerra Mundial; 2) A expansão da OTAN para a fronteira dos russos após a desintegração da URSS, o que aumentou a percepção da Rússia de uma ameaça à sua segurança nacional; 3) A declaração do presidente Putin em 2007 de que a Rússia não aceitaria a expansão da OTAN; 4) O exercício militar Steadfast Defender 2021 da OTAN, que estava perto das fronteiras da Rússia;⁴³ 5) A pressão dos EUA para adicionar a Ucrânia como membro da OTAN ao longo dos anos, o que contribuiu para a decisão de Putin de lançar uma invasão em escala completa da Ucrânia; 6) as propostas da Suécia e da Finlândia para se juntar à OTAN; e 7) As ameaças da Rússia de retaliação contra os EUA, inclusive o uso de armas nucleares, devido ao papel que os EUA realizaram levando às sanções econômicas mundiais contra a Rússia, juntamente com o provisionamento direto de apoio econômico e militar à Ucrânia e à OTAN como resultado da invasão da Rússia.

Uma sequência hipotética de eventos que pode desencadear uma crise no continente americano são as seguintes:



Figura 1. Sequência hipotética de eventos que podem causar uma crise no continente americano

Fonte: Autor

De acordo com o Modelo Unificado de Crise de Brecher (Unified Model of Crisis, UMC),⁴⁴ este artigo analisará a fase de início do desenvolvimento desta crise potencial com base em 1) polaridade, 2) existência de conflito prolongado, 3) equilíbrio de poder, 4) contiguidade territorial e 5) regimes políticos.

Polaridade

A polaridade depende do número de centros de poder e decisão no sistema internacional. Conforme mencionado anteriormente, o sistema internacional está experimentando atualmente uma polaridade policêntrica em que os EUA e a China estão disputando uma hegemonia completa, enquanto outros centros de decisão geopolíticos disputam a dominação regional.

De acordo com Brecher e Wilkenfeld, a estabilidade é maior em um sistema bipolar, enquanto a estabilidade é mais baixa em um sistema policêntrico. A lógica para esse argumento é baseada nos custos de segurança envolvidos; à medida que os encargos financeiros aumentam simultaneamente com o número de centros de decisão. Sendo assim, a polaridade policêntrica e multicêntrica incorre em um

custo de segurança mais elevado do que um sistema bipolar. Por exemplo, o sistema policêntrico favorece os processos interrelacionados, o que por sua vez aumenta as combinações e as coalizões adversárias e, conseqüentemente, as interrupções. De 412 crises analisadas, 195 ocorreram em um sistema policêntrico (representando 65,29 por cento das crises) em comparação com apenas 74 em um sistema multipolar.⁴⁵ Sendo assim, a polaridade policêntrica atual do mundo aumenta a propensão de uma crise que ocorre entre os EUA/OTAN e a Rússia.

Conflito prolongado

De acordo com Edward E. Azar et al., os conflitos prolongados são interações ou processos hostis que se estendem ao longo de longos períodos versus eventos específicos.⁴⁶ Conflitos prolongados em meio aos mesmos rivais criam uma suspeita mútua e uma probabilidade mais alta de comportamento violento. Brecher e Wilkenfeld argumentam que os atores em um conflito prolongado são mais propensos a enfrentar desencadeadores violentos e empregar ações violentas mais graves na gestão de crise: 60 por cento das crises internacionais entre 1918 e 1994 nasceram de 31 conflitos prolongados.⁴⁷

Embora o conflito entre a URSS e os EUA remonte a 1918, o final da Segunda Guerra Mundial exacerbou o conflito ainda mais; com a Rússia, conforme mencionado anteriormente, este conflito continuou após o desmembramento da URSS. Portanto, este conflito prolongado de mais de um século também aumenta a propensão de ocorrência de uma crise entre os EUA/OTAN e a Rússia.

Equilíbrio de poder

Embora o conceito de Equilíbrio de poder seja controverso, os ⁴⁸teóricos concordam em duas características comuns: ele é baseado em resultados internacionais e envolve estratégias de Estado.⁴⁹ Em relação ao equilíbrio de poder e ao início da crise, Brecher e Wilkenfeld, citando Organsky, argumentam que uma guerra é mais provável quando ambos os Estados têm paridade no poder;⁵⁰ pois isso leva os Estados a ter comportamentos recíprocos de conflito.⁵¹

Conforme discutido, os EUA têm o exército mais poderoso em todo o mundo, com a Rússia em segundo lugar. Os EUA têm preponderância em 1) mão de obra; 2) orçamento de defesa (quase cinco vezes mais do que a Rússia); 3) três vezes mais aeronaves e helicópteros; 4) dez vezes mais porta-aviões e 5) seis vezes mais destroyers.⁵² Embora a Rússia tenha um arsenal nuclear maior (6.257 armas) do que os EUA (5.550),⁵³ eles são praticamente equivalentes em termos de armas de destruição em massa, como Jacek Kugler e A. F. K. Organski argumentam que na paridade nuclear, há uma dissuasão mútua entre ambos os concorrentes.⁵⁴

Portanto, apesar da superioridade dos EUA em capacidades militares convencionais, a equivalência nuclear relativa entre a Rússia e os EUA sugere que ambos podem testar um ao outro, iniciando uma crise.

Contiguidade territorial

Brecher e Wilkenfeld argumentam que a geografia é um dos vários fatores ambientais que podem aumentar ou restringir a probabilidade de guerra entre dois Estados. Em termos de contiguidade territorial, parece que essa contiguidade causa mais interação entre os beligerantes, o que pode levar à violência, especificamente quando os adversários podem atacar um ao outro.⁵⁵

Com relação à crise hipotética colocada neste artigo, uma base militar russa em Cuba, Nicarágua ou Venezuela seria o equivalente à contiguidade, pois sua proximidade com os EUA reduziria o tempo valioso necessário para implementar medidas defensivas, criando uma ameaça iminente aos EUA e, portanto, aumenta ainda mais a probabilidade de uma crise que começa entre a Rússia e os EUA.

Regimes políticos

Stuart A. Bremer descobriu que não há dados conclusivos de que as democracias são menos propensas à guerra do que as não democracias.⁵⁶ No entanto, isso é contraditório por Brecher e Wilkenfeld, que descobriram que à medida que as democracias aumentam, a probabilidade de uma crise violenta diminui.⁵⁷

As diferenças de regime político entre os EUA e a Rússia (Cuba, Nicarágua e Venezuela) não fornecem as melhores condições para interações pacíficas. Sendo assim, essas diferenças favorecem o surgimento de uma crise internacional.

Interação estratégica entre a Rússia e os EUA em um cenário de crise hipotética

Em uma interação estratégica entre os Estados, cada um tem pressupostos e expectativas sobre o que o outro lado estaria propenso a fazer.⁵⁸ Essas hipóteses e expectativas dependem de quantas informações cada Estado tem sobre si mesmo e seu oponente. Com uma consciência situacional exata, um Estado-alvo será capaz de saber se uma ameaça é genuína. Se a ameaça for real, um Estado alvo saberia então que a resistência levaria à guerra.⁵⁹ Se a ameaça for um blefe, o Estado-alvo saberia que ele deveria resistir, pois qualquer concessão ao Estado desafiador incorreria em um custo. Por outro lado, quando há incerteza criada devido a um conhecimento de informação assimétrica, a probabilidade de uma crise aumenta.⁶⁰

O caso hipotético para uma crise no continente americano, entre a Rússia e os EUA, está diretamente ligado à guerra Rússia-Ucrânia. Recentemente, a Rússia publicou sua Doutrina Naval que afirma que a busca dos EUA em dominar os oceanos, além da expansão contínua da OTAN, são as maiores ameaças à Rússia.⁶¹ Dependendo das ações que os EUA/OTAN tomarem em apoio à Ucrânia e contra a Rússia, o governo russo pode chegar a um ponto em que se sentiria suficientemente encurralado para iniciar uma crise e desafiar diretamente os EUA, estabelecendo uma base militar no continente americano. Se isso acontecer, os EUA teriam apenas uma entre duas opções: 1) admitir e aceitar o estabelecimento de uma base naval russa na região, o que aumentaria o risco de um ataque nuclear indefensável; 2) rejeitar o desafio, agravando assim a crise. Se os EUA rejeitarem o desafio, a Rússia poderia então 1) desmontar a base e recuar; ou 2) avançar para a guerra, com a possibilidade de a guerra escalar para um conflito nuclear.

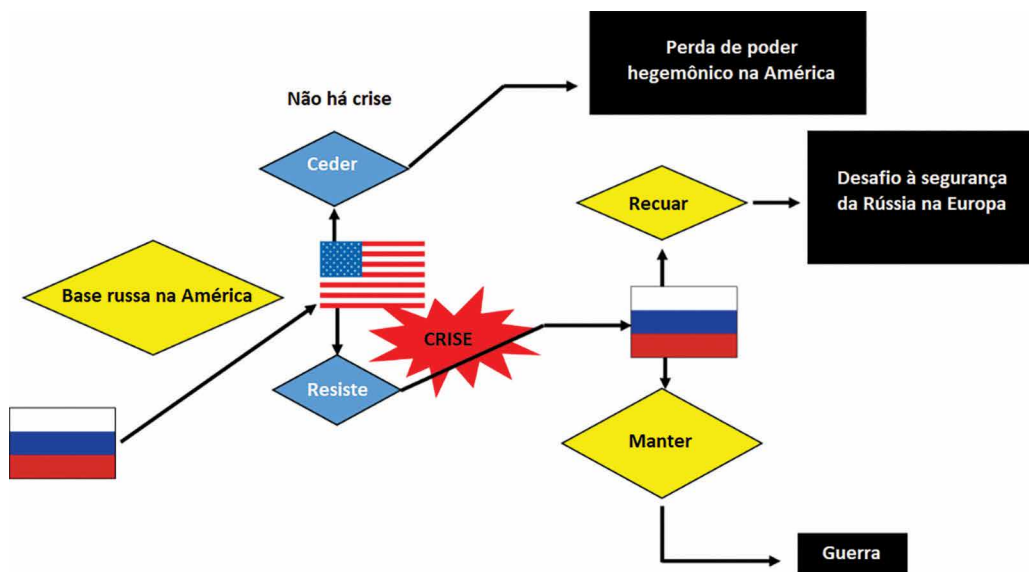


Figura 2. Interação estratégica entre a Rússia e os EUA

Fonte: Autor

O custo para os EUA em admitir uma base militar russa no continente americano significaria a perda da hegemonia na região, perda de poder no mundo e uma demonstração clara de fraqueza à China e outros adversários. No entanto, aceitar isso representaria a preservação da nação contra a possibilidade de destruição nuclear. O custo para os EUA em ir à guerra, considerando uma conflagração nuclear, pode significar uma devastação para os EUA e potencialmente levar a uma guerra nuclear global.

O custo para a Rússia, se ela cedesse à rejeição dos EUA de sua base militar após o lançamento do desafio, seria a perda de apoio político interno e ainda mais concessões à OTAN. O custo para a Rússia, se ela resistisse à rejeição dos EUA, seria uma escalada do conflito até o ponto em que isso poderia acabar em uma guerra nuclear, arriscando a devastação do país.

Recentemente, o presidente russo Putin afirmou que “ninguém pode ganhar uma guerra nuclear.”⁶² Essa declaração mostra que a Rússia entende o alto custo de uma guerra nuclear e sugere que, no caso de uma crise com os EUA, a Rússia tentaria encontrar outra maneira de resolver o conflito.

No caso da crise de mísseis de Cuba, a URSS decidiu desmontar sua base militar e movê-la de volta para a Rússia. Os EUA, por sua vez, removeram seus mísseis nucleares Júpiter da Turquia, enquanto tentavam não demonstrar fraqueza diante do desafio da URSS.

Conclusão

A crise de mísseis de Cuba em 1962 causou um tremendo estresse em todo o mundo e colocou o mundo na borda de uma guerra nuclear. Atualmente, com o aumento do conflito latente entre a Rússia e os EUA devido à guerra Rússia-Ucrânia, a possibilidade de uma crise no continente americano surge como uma maneira para a Rússia ameaçar diretamente os EUA. A análise histórica, assim como a análise dos sistemas internacional e regional atuais, destacam elementos significativos a serem considerados nessa hipótese.

A análise dos aspectos salientes da Teoria de Crise (polaridade, conflito prolongado, equilíbrio de poder, contiguidade territorial e regimes políticos) sugere que o início de uma crise entre a Rússia e os EUA é muito viável. Dependendo do rumo que a guerra Rússia-Ucrânia tomar e da pressão dos EUA/OTAN sobre a Rússia, “o urso” poderia se sentir encurralado e não poderia ver outra opção a não ser ameaçar os EUA em seu “próprio quintal”.

Por outro lado, analisando uma interação estratégica hipotética, ambas as nações têm paridade militar suficiente para resistir ativamente a qualquer desafio colocado pela outra. No entanto, o custo da guerra seria alto, e em seu pior cenário poderia levar à escalada para uma guerra nuclear global completa, com o potencial de devastar a humanidade. A Rússia afirmou seu desejo de evitar esse resultado, mas a percepção de uma ameaça existencial poderia mudar isso. Portanto, embora a Teoria de Crise aponte para uma alta probabilidade de uma crise entre a Rússia e os EUA, o alto custo desse conflito sugere o contrário.

No entanto, como o assessor de segurança nacional do Reino Unido Stephen Lovegrove alertou em 2022: “uma ruptura no diálogo entre os poderes rivais está aumentando o risco de guerra nuclear, com menos salvaguardas agora do que

durante a Guerra Fria”⁶³. Sendo assim seria prudente para os líderes russos e americanos levarem em conta que a possibilidade de um “cisne negro”, ou seja, um evento aparentemente improvável, mas não impossível, que resulte em uma guerra mundial. □

Notas

1. Jonathan Colman, *The Cuban Missile Crisis: Origins, Course and Aftermath* (A Crise dos Mísseis de Cuba: Origens, Curso e Consequências), (Edimburgo: Edinburgh University Press, 2016), p. 49, acessado em 19 de julho de 2022, <https://search-ebscohost-com.outlaw.digimaxisp.com/login.aspx?direct=true&db=nlebk&AN=1424332&site=ehost-live>.

2. Vladimir Putin, “Munich Conference on Security Policy,” Transcript of speech (Conferência de Munique sobre Política de Segurança,” Transcrição do discurso), (2007), acessado em 12 de julho de 2022, <http://en.kremlin.ru/events/president/transcripts/copy/24034>.

3. Spanish News Service (EFE), “Rússia fortalecerá cooperação estratégica com Cuba, Venezuela e Nicarágua,” (26 de janeiro de 2022), <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/efe/2022/01/26/russia-fortalecera-cooperacao-estrategica-com-cuba-venezuela-e-nicaragua.htm>.

4. Reuters, “Todo lo que as querias saber sobre las armas rusas em Nicarágua,” (19 de março de 2019), <https://es.rbth.com/tecnologias/82775-armas-rusas-nicaragua>.

5. Pablo Romero, “Relações Caracas-Moscou: implicações da presença russa no mar do Caribe,” *Meridiano*, 47, no. 99, (2008), 32-44.

6. MercoPress, “Nuclear powered ‘Peter the Great’ en route to Venezuela” (“Navio nuclear Pedro, o Grande em rota para a Venezuela), acessado em 20 de julho de 2022, <https://en.mercoPress.com/2008/09/22/nuclear-powered-peter-the-great-en-route-to-venezuela>.

7. DefesaNet, “Venezuela – Ex-chefe de espionagem de Maduro denuncia bases russas na Venezuela,” (29 June 2022), <https://www.defesanet.com.br/ven/noticia/43327/Venezuela---Ex-chefe-de-espionagem-de-Maduro-denuncia-bases-russas-na-Venezuela/>.

8. Romero, “Relações Caracas,” 32-44.

9. Maria Espinoza, “US Decision to Reactivate the Fourth Fleet a Matter of Concern” (A Decisão dos EUA de Reativar a Quarta Frota é uma Questão Preocupante), (3 de junho de 2008), <http://www.worldpress.org/Americas/3164.cfm>.

10. Jeff Mason and Roberta Rampton, “US declares Venezuela a national security threat, sanctions top officials” (EUA declaram a Venezuela uma ameaça à segurança nacional e sancionam altos funcionários), acessado em 29 Jun 2022, <https://www.reuters.com/article/us-usa-venezuela-idUSKBN0M51NS20150310>.

11. Stephen Blank, “Russia’s New Venezuelan Base: The Evolving Strategic Context” (A nova base venezuelana da Rússia: o contexto estratégico em evolução), (26 de dezembro de 2018), <https://www.afpc.org/publications/articles/russias-new-venezuelan-base-the-evolving-strategic-context>.

12. Michael Pompeo, “US Withdrawal from the INF Treaty on August 2, 2019” (Retirada dos EUA do Tratado INF em 2 de agosto de 2019), press statement, US State Department, (2 de agosto de 2019), <https://2017-2021.State.gov/>.

13. North Atlantic Treaty Organization, *NATO 2022 Strategic Concept*, (2022), https://www.nato.int/nato_static_fl2014/assets/pdf/2022/6/pdf/290622-strategic-concept.pdf.

14. North Atlantic Treaty Organization, “Finland and Sweden complete OTAN accession talks” (Finlândia e Suécia completam negociações de adesão à OTAN), (4 de julho de 2022), https://www.nato.int/cps/en/natohq/news_197737.htm.

15. Matheus Deccache, “Rússia se diz pronta para enviar tropas a Cuba e à Venezuela,” (29 de junho de 2022), <https://veja.abril.com.br/mundo/russia-se-diz-pronta-para-enviar-tropas-a-cuba-e-a-venezuela/>.

16. Samuel Huntington, “The Lonely Superpower” (A superpotência solitária), *Foreign Affairs*, Volume 78, No 1, p. 36, 1 de março de 1999.

17. Graham Allison, “A caminho da guerra: os Estados Unidos e China conseguirão escapar da Armadilha de Tucídides?” (2017), <https://relacoesexteriores.com.br/a-caminho-da-guerra-china-eua-graham-alisson/>.

18. Michael Brecher and Jonathan Wilkenfeld, “International Crisis Behavior Project 1918 – 2001. Part 2: ICB2: Foreign Policy Crises” (Projeto Comportamento de Crise Internacional 1918 – 2001.), (Ann Arbor, Michigan: Inter-university Consortium for Political and Social Research, 25 de julho de 2022), <https://web.stanford.edu/group/ssds/dewidocs/icpsr9286/cb9286fp.pdf>.

19. Álvaro Merino, “La ideología de los presidentes de América Latina” *El Orden Mundial*, Acessado em 29 de junho de 2022, <https://elordenmundial.com/mapas-y-graficos/cambios-gobierno-latinoamerica/>.

20. Global Firepower, “United States Military Strength” (Força militar dos EUA), (2022), acessado em 25 de julho de 2022, https://www.globalfirepower.com/country-military-strength-detail.php?country_id=united-states-of-america.

21. Kelsey Davenport, “2021 Estimated Global Nuclear Warhead Inventories” (Inventários globais estimados de ogivas nucleares em 2021), Arms Control Association, (2021), <https://www.armscontrol.org/factsheets/Nuclearweaponswhohaswhat>.

22. US Department of Defense, “Fact Sheet: 2022 National Defense Strategy” (Ficha informativa: Estratégia de Defesa Nacional de 2022), <https://media.defense.gov/2022/Mar/28/2002964702/-1/-1/1/NDS-FACT-SHEET.PDF>.

23. Kelsey Davenport, (2021).

24. Global Fire Power, (2022).

25. Jeff Mason and Roberta Rampton, “US declares Venezuela a national security threat, sanctions top officials” (EUA declaram a Venezuela uma ameaça à segurança nacional e sancionam altos funcionários), *Reuters*, <https://www.reuters.com/article/us-usa-venezuela-idUSKBN0M51NS20150310>.

26. Joseph R. Biden Jr., “A Message to the Congress on the Continuation of the National Emergency with Respect to Venezuela” (Uma Mensagem ao Congresso sobre a Continuação da Emergência Nacional com a Venezuela), press statement, The White House, 3 de março de 2022, <https://www.whitehouse.gov/briefing-room/statements-releases/2022/03/03/>.

27. Nate Haken et al., “Fragile States Index Annual Report 2022” (Relatório Anual do Índice de Estados Frágeis 2022), The Fund for Peace, 10, <https://fragilestatesindex.org/wp-content/uploads/2022/07/22-FSI-Report-Final.pdf>.

28. Matt Spetalnick and Vivian Sequera, “US delegation fails to secure release of Americans in Venezuela visit” (Delegação dos EUA falha em garantir a libertação de americanos em visita à Venezuela), *Reuters*, (30 de junho de 2022), <https://www.reuters.com/world/americas/us-delegation-fails-secure-release-americans-venezuela-visit-2022-06-30/>.

29. Ismael Lopez, “Nicaragua’s Ortega defends Russia’s stances over Ukraine” (Ortega da Nicarágua defende posições da Rússia sobre a Ucrânia), 22 de fevereiro de 2022, *Reuters*, (22

February 2022), <https://www.reuters.com/world/americas/nicaraguas-ortega-defends-russias-stance-over-ukraine-2022-02-22/>.

30. Ben Walsh, “The Unprecedented American Sanctions on Russia, Explained” (As Sanções Americanas Sem Precedentes à Rússia, Explicadas), *Vox*, (9 de março de 2022), <https://www.vox.com/22968949/russia-sanctions-swift-economy-mcdonalds>.

31. US Department of Defense, “Immediate Release. Fact Sheet on US Security Assistance to Ukraine” (Divulgação Imediata. Ficha informativa sobre a assistência de segurança dos EUA à Ucrânia), press release, (8 de julho de 2022), <https://www.defense.gov/News/Releases/Release/Article/3088006/fact-sheet-on-us-security-assistance-to-ukraine/#:~:text=The%20United%20States%20has%20now,beginning%20of%20the%20Biden%20Administration>.

32. José Miguel Alonso-Trabanco, “Russia’s Geopolitical Projection in the American Hemisphere” (A projeção geopolítica da Rússia no hemisfério americano), *Geopolitical Monitor*, (10 de julho de 2022), <https://www.geopoliticalmonitor.com/russias-geopolitical-projection-in-the-american-hemisphere/>.

33. David E Sanger and William J Broad, “Putin’s Threats Highlight the Dangers of a New, Riskier Nuclear Era” (Ameaças de Putin destacam os perigos de uma nova e mais arriscada era nuclear), *The New York Times*, (1 de junho de 2022), <https://www.nytimes.com/2022/06/01/us/politics/nuclear-arms-treaties.html>.

34. The Moscow Times, “Russian House Speaker Threatens to ‘Take Back’ Alaska” (Presidente da Câmara da Rússia ameaça ‘retomar’ o Alasca), (7 de julho de 2022), <https://www.themoscowtimes.com/2022/07/07/russian-house-speaker-threatens-to-take-back-alaska-a78230>.

35. Russian Visa, “Why is Russia associated with a bear” (Por que a Rússia está associada a um urso), (3 de março de 2020), <https://www.russian-visa.org/2020/03/why-is-russia-associated-with-bear.html#:~:text=The%20Russian%20bear%20became%20a%20symbol%20of%20Russia,symbol%20of%20Russia%20today%20is%20a%20double-headed%20eagle>.

36. Maria L. Pereira, “Como gás chegará dos EUA à Europa para diminuir dependência da Rússia?” *Grupo Universo Online*, (4 de junho de 2022), <https://economia.uol.com.br/noticias/redacao/2022/04/06/como-se-transporta-gas-de-um-continente-a-outro.htm#:~:text=Com%20o%20objetivo%20de%20reduzir,a%20Europa%20com%20g%C3%A1s%20natural>.

37. Poder360, “Autoridades dos EUA vão à Venezuela para encontro bilateral,” Poder360, (28 de junho de 2022), <https://www.poder360.com.br/internacional/autoridades-dos-eua-va-o-a-venezuela-para-encontro-bilateral/>.

38. Álvaro Merino, “La Ideología dos presidentes de América Latina. 2022,” *El Orden Mundial*, (22 de junho de 2022), <https://elordenmundial.com/mapas-y-graficos/cambios-gobierno-latinoamerica/>.

39. Martin W. Lewis, “Maps of Caribbean Geopolitics” (Mapas da Geopolítica do Caribe), *GeoCurrents*, acessado em 29 de julho de 2022, <https://www.geocurrents.info/geopolitics/maps-of-caribbean-geopolitics>.

40. Michael Brecher and Jonathan Wilkenfeld, *A Study of Crisis (Um Estudo da Crise)*, (Ann Arbor: University of Michigan Press, 2022), <https://muse.jhu.edu/chapter/3190061>.

41. Julien Freund, *Sociologie du conflit*, Presses Universitaires de France, (1983), <https://doi.org/10.3917/puf.freun.1983.01>.

42. Brecher and Wilkenfeld, *A Study of Crisis*.

43. North Atlantic Treaty Organization, “Exercise Steadfast Defender 2021 to test NATO readiness and military mobility” (Exercício Steadfast Defender 2021 testará a prontidão e a

mobilidade militar da OTAN), (6 de maio de 2021), https://www.nato.int/cps/en/natohq/news_183459.htm?selectedLocale=en.

44. Brecher and Wilkenfeld, *A Study of Crisis*.

45. Brecher and Wilkenfeld, *A Study of Crisis*.

46. Edward E. Azar, Paul Jureidini and Ronald McLaurin, “Protracted Social Conflict: Theory and Practice in the Middle East” (Conflito Social Prolongado: Teoria e Prática no Oriente Médio), *Journal of Palestine Studies*, 8, no. 1, (1978), 41-60.

47. Michael Brecher and Jonathan Wilkenfeld, *A Study of Crisis (Um Estudo da Crise)*.

48. Robert Art et al., *Balance of Power: Theory and Practice in the 21st Century (Equilíbrio de poder: teoria e prática no século XXI)* (Stanford, CA: Stanford University Press, 2004), 29-31.

49. Art, *Balance of Power*, 35.

50. Brecher and Wilkenfeld, *A Study of Crisis*.

51. Brecher and Wilkenfeld, *A Study of Crisis*.

52. Global Firepower, (2022).

53. World Population Review, “Nuclear Weapons by Country” (Armas nucleares por país), (Walnut, CA: 2023), <https://worldpopulationreview.com/country-rankings/nuclear-weapons-by-country>.

54. Jacek Kugler and A.F. K. Organski, “The Power Transition: A Retrospective and Prospective Evaluation” (A Transição de Poder: Uma Avaliação Retrospectiva e Prospectiva), (2011), 187, <http://www.acsu.buffalo.edu/~fczagare/PSC%20346/Kugler%20and%20Organski.pdf>.

55. Stuart A. Bremer, “Dangerous Dyads: Conditions Affecting the Likelihood of InterState War, 1816-1965” (Díades Perigosas: Condições que Afetam a Probabilidade de Guerra Interestadual, 1816-1965), *The Journal of Conflict Resolution*, 36, no. 2, (1992), 312.

56. Bremer, “Dangerous Dyads, 316.

57. Brecher and Wilkenfeld, *A Study of Crisis*.

58. Kenneth A. Schultz, “Democracy and Coercive Diplomacy” (Democracia e Diplomacia Coercitiva), (Cambridge: Cambridge University Press, 2009), 32.

59. Schultz, “Democracy,” 32.

60. Schultz, “Democracy,” 33.

61. The Moscow Times, “Russia says US, NATO ‘Main Threats’ to National Security” (Rússia diz que EUA e OTAN são ‘principais ameaças’), (31 de julho de 2022), acessado em 2 de agosto de 2022, <https://www.themoscowtimes.com/2022/07/31/russia-says-us-nato-main-threats-to-national-security-a78453>.

62. Mark Trevelyan, “Putin says no one can win a nuclear war” (Putin diz que ninguém pode vencer uma guerra nuclear), *Reuters*, (1 de agosto de 2022), <https://www.reuters.com/world/putin-there-can-be-no-winners-nuclear-war-it-should-never-be-started-2022-08-01/>.

63. Ellen Francis, “Nuclear threat higher now than in Cold War, British official warns” (Ameaça nuclear maior agora do que na Guerra Fria, alerta autoridade britânica), *The Washington Post*, (28 de julho de 2022), acessado em 2 de agosto de 2022, <https://www.washingtonpost.com/world/2022/07/28/nuclear-threat-higher-cold-war-uk-warning/>.



**Coronel Mario Brasil do Nascimento
Exército Brasileiro (Veterano)**

O Cel Brasil é um Coronel veterano do Exército Brasileiro. Ele frequentou a Escola de Comando e Estado-Maior do Exército do Brasil, o Curso Avançado de Defesa e Segurança Hemisférica (Inter-American Defense College, EUA) e o Curso Avançado de Engenheiro Militar (Forte Leonard Wood, EUA). Ele tem um mestrado em Defesa e Segurança Hemisférica da Academia Nacional de Estudos Políticos e Estratégicos (Chile, 2013), mestrado de Artes em Relações Internacionais e Resolução de Conflitos da American Military University (2016) e doutorado em Ciências em Relações Internacionais da Atlantic International University (2020). Entre outras tarefas, ele foi assessor do Inter-American Defense College (2014), Vice-Comandante da Companhia de Engenharia, Haiti (MINUSTAH, 2005) e Vice-Chefe de Engenharia, Missão das Nações Unidas em Apoio ao Timor Leste (2003/2004).